

ANÁLISE DE MÍDIAS SOCIAIS SOBRE FLÁVIO BOLSONARO

Orikom · base histórica + últimos 7 dias (6 a 13/09/2026) · medida: engajamento

Flávio Bolsonaro · raio-X de vulnerabilidade

A corrupção trava o teto de Flávio. Comparar capacidade de entrega é o que o faz cair.

Os grupos focais de alta frequência da IPSE Global já demonstraram, em relatórios anteriores, o que vai decidir a eleição de 2026: a percepção de entrega material. Não a pauta da corrupção, não a da segurança, não a comparação de programas de governo — o que pesa é se o eleitor acredita que o candidato entregou e é capaz de entregar. É com essa lente que se lê o que segue.

E o que se vê, lido assim, parece óbvio e não é. A corrupção impõe um teto para o crescimento de Flávio Bolsonaro, não é o buraco pelo qual ele vai cair: não o faz cair, impede que suba. O eleitor dele já ouviu tudo, já descontou tudo e devolve cada acusação como prova de perseguição — o escândalo, para essa base, não é ferida, é cicatriz, e cicatriz não sangra.

Esta não é uma eleição da anticorrupção. É uma eleição da entrega material e da esperança de renovação, que carrega por baixo, como um rio sob a ponte, um desejo de reforma profunda. E é precisamente aí — na entrega, no cuidado com as pessoas, na qualidade de vida — que o debate sobre ele registra o silêncio. Um candidato que tem teto e não tem chão não se derruba pelo teto. Derruba-se pelo chão que falta.



A corrupção trava o teto de Flávio. Comparar capacidade de entrega é o que o faz cair.



Teto (mantém-se)

9% a 26%

é quanto do debate diário sobre ele o apoia. Não cai com escândalo, não sobe sem convocação: a acusação já foi precificada.



Queda (constrói-se)

2,7%

é o peso, no debate sobre ele, dos textos que lhe creditam alguma obra ou resultado. Não há entrega a opor a uma cobrança de entrega.



Terreno vazio

50 × 50

é o empate entre quem diz que ele cuida das pessoas e quem diz que ele causa dano: o único juízo moral ainda em disputa — e ninguém do lado dele o ocupa.

os números vêm dos 42 gráficos do painel Orikom sobre as publicações que citam o candidato, ponderadas por engajamento (curtidas, comentários e compartilhamentos); cada lâmina cita os gráficos de origem · o relatório completo, com os 42 gráficos, está em ipse.global/publicacoes

— COMO LER os instrumentos, em linguagem comum

O que a plataforma mede em cada texto que cita o candidato

Todo texto que menciona Flávio Bolsonaro — post, matéria, vídeo, anúncio — foi lido e recebeu rótulos. Os rótulos descrevem o texto, não o candidato: dizem como ele está sendo retratado por quem fala dele. Os percentuais somam os textos pelo engajamento que tiveram, ou seja, medem exposição: quanto do que circula sobre ele diz cada coisa.



Tom e posicionamento

Tom é se o texto fala dele em chave positiva, negativa ou neutra. Posicionamento é se o autor o apoia, se opõe ou apenas relata. São coisas diferentes: um apoiador pode escrever em tom negativo (indignado com a "perseguição").



Enquadramento

O ângulo pelo qual o texto conta o assunto. "Corrupção moral" trata o caso como falha de caráter. "Prova material de entrega" credita obra ou resultado. "Conflito povo × elite" e "guerra cultural" transformam tudo em briga de campo. "Incompetência estatal" diz que faltou capacidade, não caráter.



Papéis atribuídos (modelo MAPAM · IPSE)

Quando um texto cita alguém numa situação de dano, ele dá a essa pessoa um papel: *agressor* (quem causa o dano), *vítima* (quem sofre), *protetor* (quem cuida de quem está em risco) ou *reparador* (quem conserta). O modelo registra o papel que o autor atribui a quem é citado — o retrato, não a autodescrição.



Fundações morais de Haidt e seus polos

As bases do juízo moral: cuidado, mérito (proporcionalidade), igualdade, lealdade, autoridade, pureza, liberdade. Cada uma tem um polo virtuoso e um polo do vício. No mérito, "merece" contra "não merece"; no cuidado, "cuida" contra "causa dano"; na lealdade, "leal" contra "traidor".

— COMO LER os instrumentos, em linguagem comum

O que a plataforma mede em cada texto que cita o candidato



Valores republicanos

O vocabulário cívico que o texto aciona ao citá-lo: prestação de contas (cobrança), bem comum (interesse coletivo), transparência, lei igual para todos, participação. Mostra se ele é cobrado ou creditado.



Valores de Schwartz

A orientação de valor do texto: autotranscendência (cuidar do outro, igualdade), conservação (tradição, ordem, segurança), autopromoção (sucesso, poder), abertura à mudança. Diz que língua cada campo fala.



Composição diária

Nas séries dos últimos 7 dias, cada percentual é a fatia de uma categoria dentro daquele dia. Mede o clima do dia, não o volume: um dia com pouco texto e um dia com muito pesam igual.



Emoções

A emoção expressa no texto: indignação, raiva, desprezo, medo, orgulho, esperança, alegria, surpresa. Indignação é de quem se sente lesado; orgulho e esperança são as emoções de quem defende e projeta.

todos os rótulos são atribuídos ao conteúdo de cada publicação; retratam o debate público, não a opinião do eleitor

— DIAGNÓSTICO 1 por que a corrupção não o derruba

A acusação já foi precificada — e devolvida como perseguição

Há um erro de cálculo que a oposição comete há anos com o bolsonarismo: acredita que a próxima denúncia será a que finalmente derruba — como quem espera que a última gota transborde um copo que, na verdade, tem um furo no fundo. Os dados mostram por que a gota nunca transborda: a base não acumula a acusação, ela a escoa como perseguição. Quatro evidências.

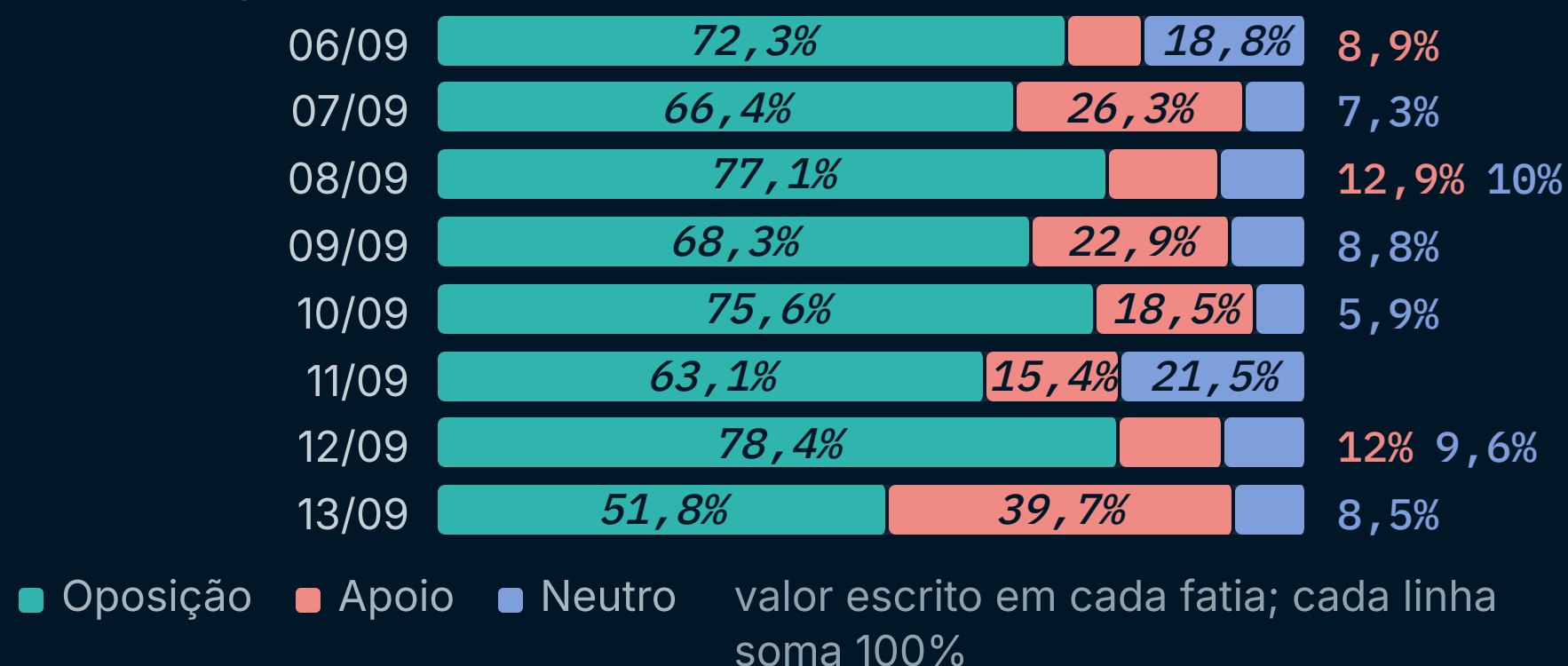


— **DIAGNÓSTICO 1** por que a corrupção não o derruba

A acusação já foi precificada — e devolvida como perseguição

Composição diária de quem cita Flávio: apoio, oposição e relato neutro

fatia do engajamento de cada dia · 6 a 13 de setembro



O QUE SE MEDE

Para cada dia, quanto do que circula sobre ele vem de quem se opõe, de quem apoia e de quem só relata. É o clima diário, não o volume.

O QUE O GRÁFICO DIZ

A oposição ocupa de 52% a 78% de cada dia; o apoio, de 9% a 26%. O apoio só rompe a barreira em 13 de setembro (39,7%) — o dia de mobilização do próprio campo, com o desagravo a André Mendonça, não um dia de fato favorável ao candidato.

POR QUE IMPORTA

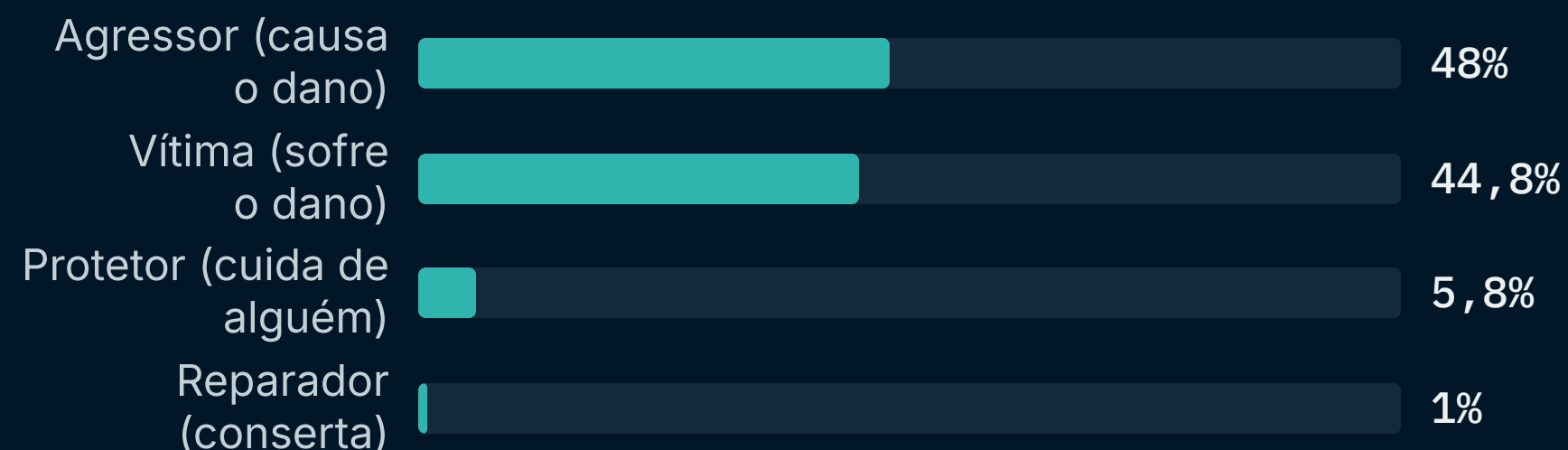
Na semana mais pesada de denúncias — inquérito do Dark Horse, sigilo derrubado — o apoio não caiu um milímetro; no dia do ato, subiu quinze pontos. Ou por outra: a acusação não move ninguém; o palanque move. A base dele não é uma opinião, é uma torcida — e torcida não muda de time porque o adversário marcou. Isso é teto, não queda.

— **DIAGNÓSTICO 1** por que a corrupção não o derruba

A acusação já foi precificada — e devolvida como perseguição

Papéis que o debate atribui a Flávio (modelo MAPAM)

fatia do engajamento que o cita, todo o histórico



O QUE SE MEDE

Quando um texto cita alguém numa situação de dano, ele dá a essa pessoa um papel: quem causou o dano (agressor), quem o sofreu (vítima), quem protege quem está em risco (protetor) ou quem conserta (reparador). Aqui, o papel que os textos dão a Flávio.

O QUE O GRÁFICO DIZ

Ele é retratado como agressor em 48% da exposição e como vítima em 45% — quase o mesmo tamanho. Como protetor, em 5,8%; como reparador, em 1%.

POR QUE IMPORTA

Cada acusação vem embalada numa alegação de perseguição do mesmo tamanho: o debate o acusa e o vitimiza na mesma respiração, como se o réu e a vítima dividissem o mesmo banco. A vitimização é a defesa, e ela responde a tudo o que tem cara de processo. O que ela não responde é a uma pergunta simples: "o que você fez por quem vota em você?" — porque ninguém, em lugar nenhum do debate, o retrata como quem cuida ou conserta. Ele tem advogado para a acusação; não tem obra para a cobrança.

— **DIAGNÓSTICO 1** por que a corrupção não o derruba

A acusação já foi precificada — e devolvida como perseguição

A fundação da lealdade, por campo: o que cada lado aciona

composição dentro de cada campo



O QUE SE MEDE

A lealdade é uma das fundações do juízo moral; tem um polo virtuoso (leal ao grupo) e um polo do vício (traidor). O gráfico mostra qual polo cada campo aciona quando fala dele.

O QUE O GRÁFICO DIZ

Quem o apoia o lê como leal em 96,8% do que aciona nessa fundação; quem se opõe o lê como traidor em 91,7%. Cada campo enxerga a mesma pessoa com o polo oposto.

POR QUE IMPORTA

Lealdade não se negocia: é o escudo do campo, e escudo não se fura com o mesmo golpe repetido. O eleitor fiel não sai por escândalo; o escândalo apenas tranca a porta por onde o eleitor de fora entraria. Disputar a lealdade é bater na porta errada — e bater cada vez mais forte só faz o dono da casa se convencer de que está sendo invadido.

— **DIAGNÓSTICO 1** por que a corrupção não o derruba

A acusação já foi precificada — e devolvida como perseguição

As instituições que o investigam, retratadas como agressoras

fatia do papel de agressor na exposição de cada instituição, nos textos que citam Flávio



O QUE SE MEDE

O mesmo modelo de papéis, aplicado às instituições citadas junto dele: em que medida o texto as retrata como quem causa dano.

O QUE O GRÁFICO DIZ

Supremo, Polícia Federal e Senado são lidos como agressores em cerca de metade das vezes em que aparecem no debate sobre ele.

POR QUE IMPORTA

O algoz da vitimização já está escalado; falta só o roteiro, e cada denúncia com carimbo de tribunal o escreve. Toda acusação que se apoia no inquérito, no sigilo ou na PF confirma, para a base, que o juiz é parte — e, se o juiz é parte, o réu é perseguido. A corrupção, dita pela boca do processo, alimenta exatamente a defesa que pretendia furar: é a lança que, ao atingir, fortalece a armadura.

— DIAGNÓSTICO 2 onde ele cai

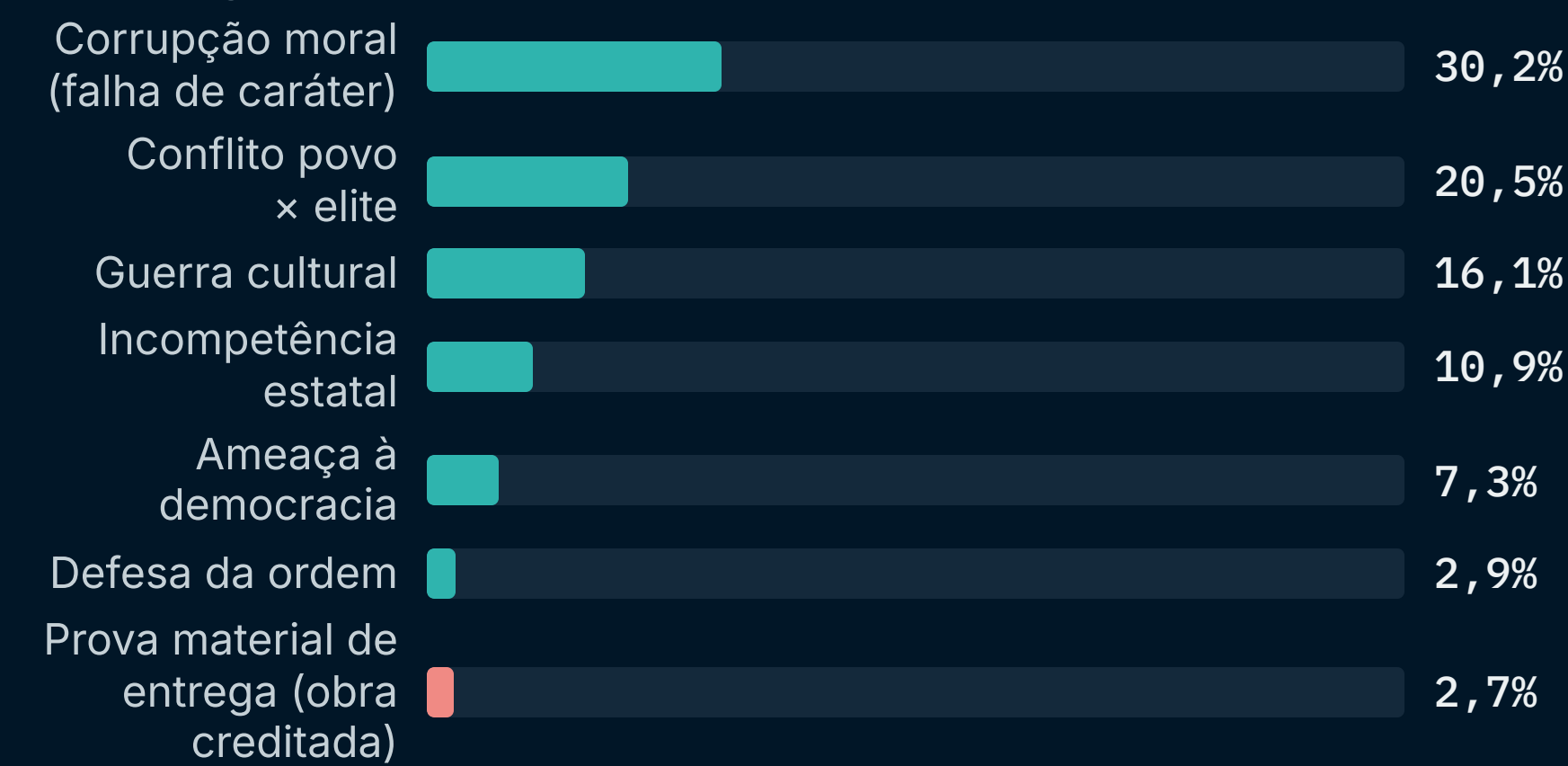
Entrega, cuidado e qualidade de vida: o terreno em que ele não tem nada

Numa eleição de entrega e de renovação, o candidato precisa de duas coisas: obra a mostrar e esperança a oferecer. Vejamos o que o debate sobre ele registra em cada uma. Não é pouco — é quase nada. E quase nada, em política, é pior do que nada: é o vazio com nome, endereço e testemunhas.



Entrega, cuidado e qualidade de vida: o terreno em que ele não tem nada

Como o debate enquadra o assunto quando o cita
fatia do engajamento por enquadramento, todo o histórico



O QUE SE MEDE

O enquadramento é o ângulo pelo qual o texto conta o assunto: como falha de caráter (corrupção moral), como briga de campo (povo x elite, guerra cultural), como falta de capacidade (incompetência), como obra ou resultado (prova material de entrega).

O QUE O GRÁFICO DIZ

A corrupção moral responde por 30% do que o cerca; a entrega, por 2,7%. Para cada texto que lhe credita algo, há onze que o acusam de corrupção e quatro que o acusam de incompetência.

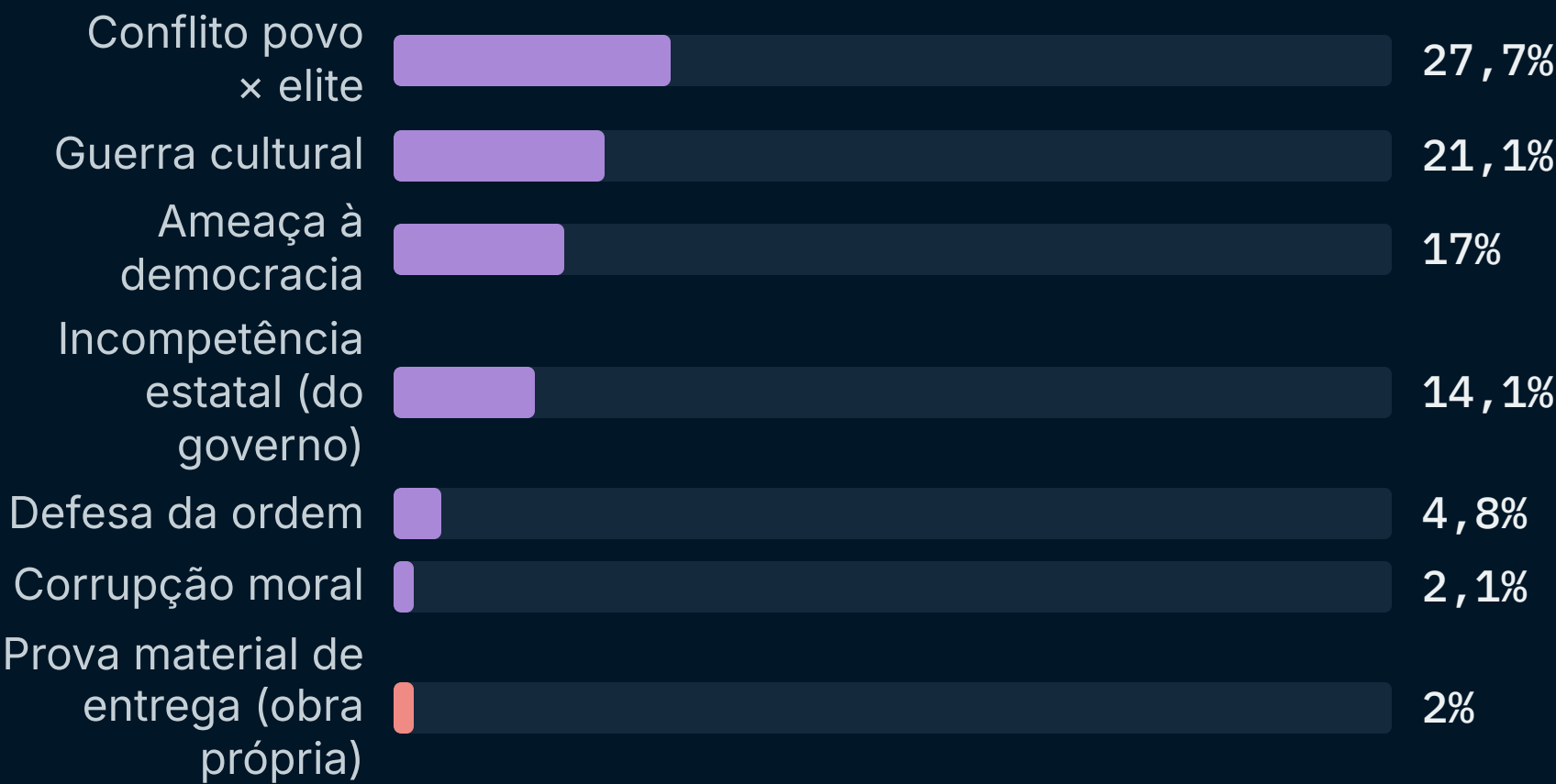
POR QUE IMPORTA

A corrupção já é o pano de fundo — e pano de fundo ninguém olha. A entrega é o vazio: quando o assunto vira "o que ele fez?", não há no debate um único registro com que responder. Onze acusações de corrupção para cada crédito de obra; e, contra uma cobrança de obra, a vitimização não tem onde se apoiar. Perseguido de quê? Do trabalho que não fez?

Entrega, cuidado e qualidade de vida: o terreno em que ele não tem nada

Como o próprio Flávio enquadra o que publica

fatia do engajamento do perfil dele, por enquadramento



O QUE SE MEDE

O mesmo instrumento, aplicado ao que ele mesmo publica: de que ele fala quando fala por si.

O QUE O GRÁFICO DIZ

Conflito povo x elite (27,7%), guerra cultural (21,1%), ameaça à democracia (17%). Obra própria: 2%. Custo de vida, saúde e renda aparecem no perfil dele em migalhas.

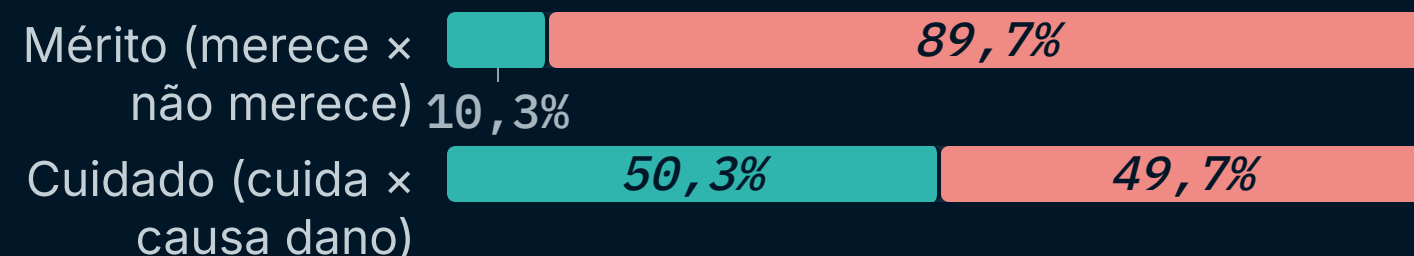
POR QUE IMPORTA

Ele não faz campanha de entrega; faz campanha de confronto — vende briga a quem quer comprar pão. É o espelho exato do debate que o cerca, e a prova mais forte é o silêncio dele: "em tudo o que ele publica, não há uma obra" é uma frase que ele só contesta mudando de campanha. E, se mudar, entra num terreno em que não tem histórico, como quem discursa numa língua que nunca falou.

Entrega, cuidado e qualidade de vida: o terreno em que ele não tem nada

Duas fundações morais, lado a lado: mérito e cuidado

polo virtuoso × polo do vício, na exposição que o cita



■ Polo virtuoso ■ Polo do vício valor escrito em cada fatia; cada linha soma 100%

O QUE SE MEDE

Duas das bases do juízo moral. No mérito, o polo virtuoso diz que ele merece o que tem; o do vício, que não merece (é a fundação da acusação de "trapaça"). No cuidado, o polo virtuoso diz que ele cuida das pessoas; o do vício, que causa dano.

O QUE O GRÁFICO DIZ

No mérito, o veredito está dado: 89,7% dizem que ele não merece. No cuidado, empate técnico: 50,3% contra 49,7%.

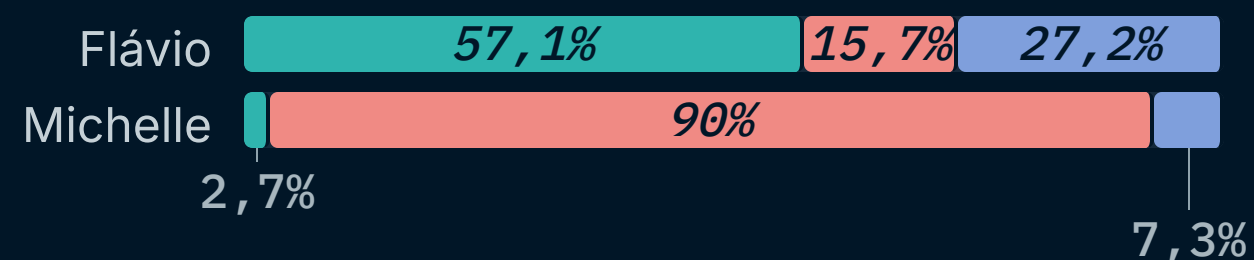
POR QUE IMPORTA

Um juízo já decidido não muda voto: o "não merece" é a ferida antiga, e ele aprendeu a andar com ela como quem manca sem reclamar. O cuidado é outra história — é o único juízo moral ainda em aberto, o júri que ainda não votou, e é exatamente nele que uma eleição de qualidade de vida se decide. Ninguém do lado dele senta nessa cadeira. Cadeira vazia em tribunal é do primeiro que chega.

Entrega, cuidado e qualidade de vida: o terreno em que ele não tem nada

O vocabulário cívico que cada um aciona: Flávio e Michelle

composição dos valores republicanos na citação de cada um



■ Prestação de contas ■ Bem comum ■ Outros
valor escrito em cada fatia; cada linha soma 100%

O QUE SE MEDE

Os valores republicanos são o vocabulário cívico do texto: prestação de contas é cobrança ("explique"); bem comum é crédito ("serve ao interesse de todos"). Aqui, a citação de Flávio comparada à de Michelle Bolsonaro.

O QUE O GRÁFICO DIZ

Flávio é citado na gramática da cobrança (57%); Michelle, na do bem comum (90%). E, no modelo de papéis, ela é protetora em 79% da exposição — contra 5,8% dele.

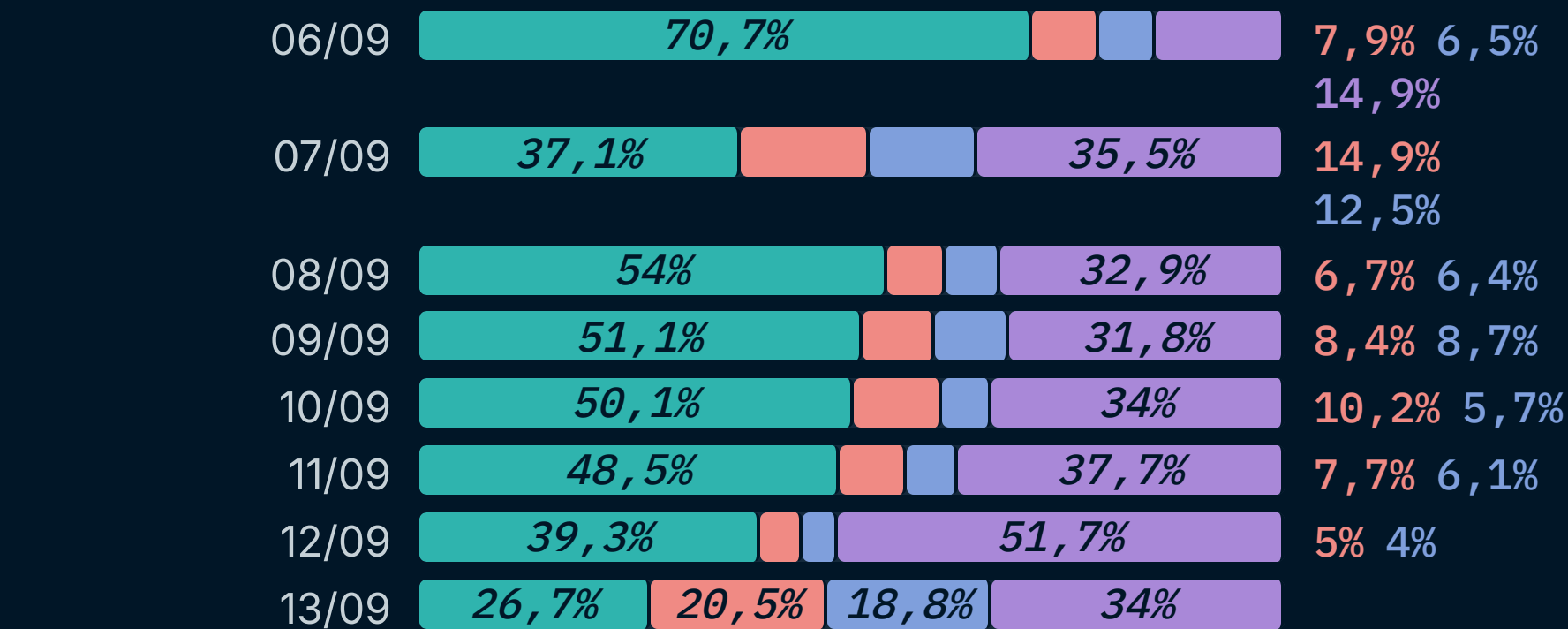
POR QUE IMPORTA

O bem comum é a língua da renovação, e ele não a fala; quem a fala no clã é a madrasta. É o flanco aberto e o aviso na mesma frase: hoje, ninguém do lado dele ocupa o cuidado; no dia em que a campanha puser Michelle em campo, o flanco fecha e o candidato ganha, por empréstimo, a virtude que não tem. Ocupar antes ou lamentar depois — não há terceira opção.

Entrega, cuidado e qualidade de vida: o terreno em que ele não tem nada

As emoções do debate, dia a dia: indignação contra esperança

fatia do engajamento de cada dia



■ Indignação ■ Orgulho ■ Esperança ■ Outras
valor escrito em cada fatia; cada linha soma 100%

O QUE SE MEDE

A emoção expressa em cada texto. Indignação é a emoção de quem se sente lesado (o ataque); orgulho e esperança são as de quem defende e projeta (a defesa e, numa eleição de renovação, o voto).

O QUE O GRÁFICO DIZ

A indignação lidera todos os dias (27% a 71%). A esperança fica entre 4% e 12,5% e só sobe a 18,8% em 13 de setembro, junto do orgulho (20,5%) — no dia de ato.

POR QUE IMPORTA

Ninguém, nem o ataque nem a defesa, está oferecendo esperança; o debate é uma máquina de indignação que gira em falso, faz barulho e não tira ninguém do lugar. Numa eleição de renovação, o afeto que decide é justamente o que está vazio. Indignação se compartilha; esperança se vota. Quem a oferecer com nome — jornada, renda, saúde — fala sozinho num salão lotado.

"O que ele fez por você?"

A IDEIA A SEGUIR, E POR QUÊ

É a pergunta que a vitimização não responde. Contra "perseguido" não há réplica que preste; contra "o que você entregou?" só há obra — e, no debate sobre ele, não há obra registrada. A cobrança já é a língua do ambiente: 57% do vocabulário cívico que o cita é prestação de contas. Não é preciso inventar a cobrança; é preciso trocar o credor. Hoje quem cobra é o processo, e conta com a Justiça vira perseguição; quem tem de cobrar é o eleitor, e conta com quem votou não tem advogado. Cada mensagem termina numa comparação concreta entre o que ele fez e o que a vida das pessoas precisava — a mesa posta contra a mesa vazia.

O QUE EVITAR

Nunca terminar a pergunta no inquérito, no sigilo ou na Polícia Federal. Terminar sempre no cotidiano: fila, salário, conta de luz, jornada.

O que o debate exige dele: valores republicanos

fatia do engajamento que o cita



"Quem cuida de você?"

A IDEIA A SEGUIR, E POR QUÊ

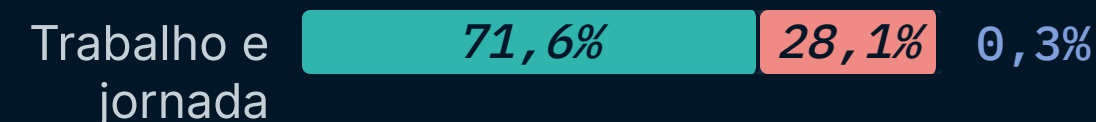
O cuidado é o único juízo moral ainda em aberto sobre ele (50% dizem que cuida, 50% que causa dano), e o único que o campo dele não ocupa: os homens do clã são retratados como quem agride ou como quem sofre, nunca como quem protege — uma família de espadas e de escudos, sem uma única mão estendida. O trabalho é o tema de vida concreta em que ele já perde: quando o debate fala de jornada, sindicato e direitos citando o nome dele, 72% da exposição é negativa, e a escala 6×1 chega enquadrada como "ele contra o trabalhador". Custo de vida, saúde e renda aparecem no perfil dele em migalhas — e migalha, para quem tem fome, é insulto. A oposição já fala a língua do cuidado (75% do que publica sobre ele é na orientação de valor que os psicólogos chamam de autotranscendência: cuidar do outro, igualdade), mas fala gritando. Falta a proposta. Quem falar de cuidado com proposta fala sozinho — e quem fala sozinho é ouvido.

O QUE EVITAR

Não atacar Michelle: o tom sobre ela é 93,6% positivo e ela é retratada como protetora em 79%. O contraste vale mais do que o ataque — ela cuida, ele cobra. E não reduzir o cuidado a indignação: a indignação já satura o debate.

O tema do trabalho, quando o cita: tom

composição do subtema jornada, sindicatos e direitos trabalhistas

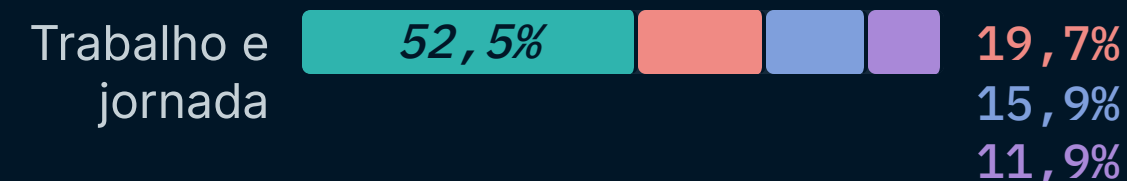


■ Negativo ■ Positivo ■ Neutro

valor escrito em cada fatia; cada linha soma 100%

...e como o tema é enquadrado

composição do mesmo subtema por enquadramento



■ Povo x elite ■ Incompetência ■ Guerra cultural
■ Outros

valor escrito em cada fatia; cada linha soma 100%

"Herdeiro não é renovação"

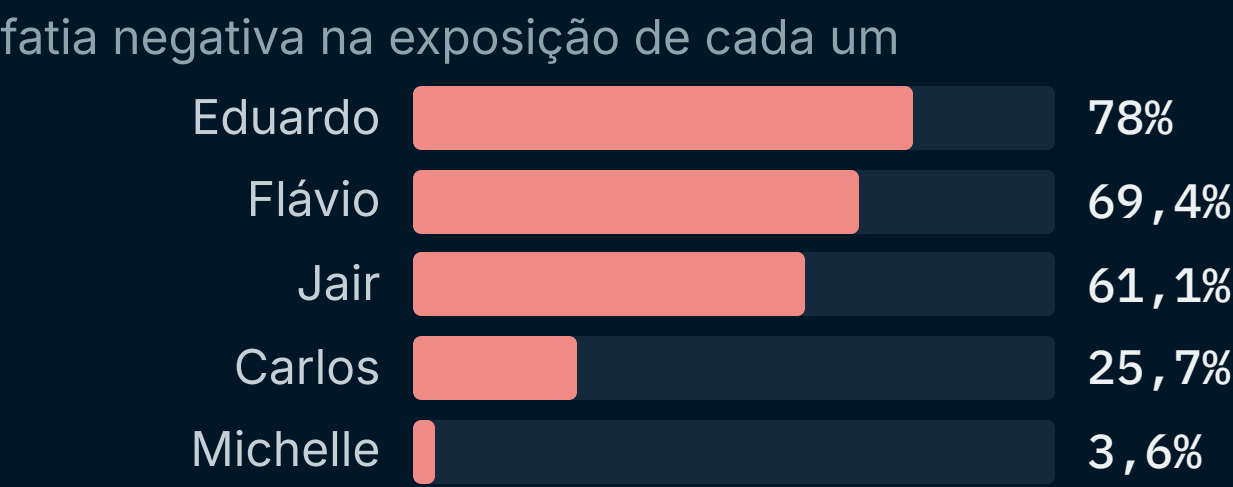
A IDEIA A SEGUIR, E POR QUÊ

O desejo de renovação pede ruptura com o que está aí — e Flávio é o que está aí com outro primeiro nome. No debate, ele é o herdeiro de um conflito, não o autor de um projeto: citado no mesmo bloco institucional que o pai (Presidência, Senado, Supremo, siglas do centrão), com o mesmo retrato moral (agressor e vítima em proporções idênticas às de Jair), como um retrato de família em que só mudou a moldura do porta-retratos. Um terço do que a base dele publica fala a língua da conservação — tradição, ordem, segurança —, que é o contrário de reforma. E o passivo da família flui para ele por gravidade: a corrupção é mais dele do que do pai, e o irmão é o elo queimado. Apresentá-lo como continuidade é retirar dele a única promessa que uma eleição de renovação exige. Não se renova o país com o sobrenome que o dividiu.

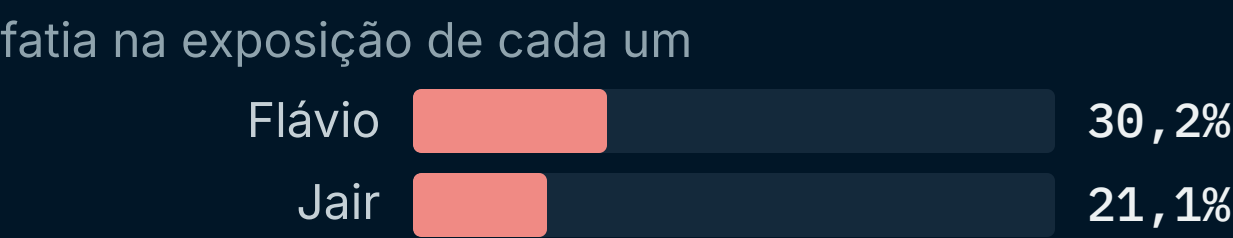
O QUE EVITAR

Atacar pelo pai. Jair é retratado como vítima em 44% do que o cita: o ataque por ele transfere perseguição, não corrupção. Mirar o irmão, a legenda e o sistema em que ele está colado.

Tom negativo de quem cita cada membro do clã



Corrupção moral como enquadramento, pai e filho



"Não merece — porque não entregou"

A IDEIA A SEGUIR, E POR QUÊ

A acusação de não merecer é a mais estável do painel: no juízo do mérito, 89,7% de tudo o que o cita diz que ele não merece o que tem, e nos últimos oito dias esse polo passou de 94% em seis deles. É a acusação que não sai de cena — e justamente por isso já não assusta a plateia. Ela não converte voto, mas mantém trancada a porta por onde ele subiria: é cadeado, não martelo. O uso certo é o de manutenção, e a forma decide tudo. "Não merece porque não fez" atrela a acusação à ausência de entrega, e contra isso a vitimização não tem resposta; "não merece porque é investigado" atrela ao processo, e o tiro volta como perseguição. A mesma palavra, dois destinos: numa forma é a chave que tranca; na outra, a que abre a porta da vitimização. Cobrar em nome do eleitor, jamais em nome do Supremo ou da Polícia Federal.

O QUE EVITAR

Conspiração e "fake news": 42% dos rótulos informacionais do debate sobre ele já são suspeita conspiratória, quase toda de oposição — o ataque perde lastro antes de ganhar público. E não disputar a lealdade: dentro do campo ela não se negocia.

A acusação de não merecer, dia a dia

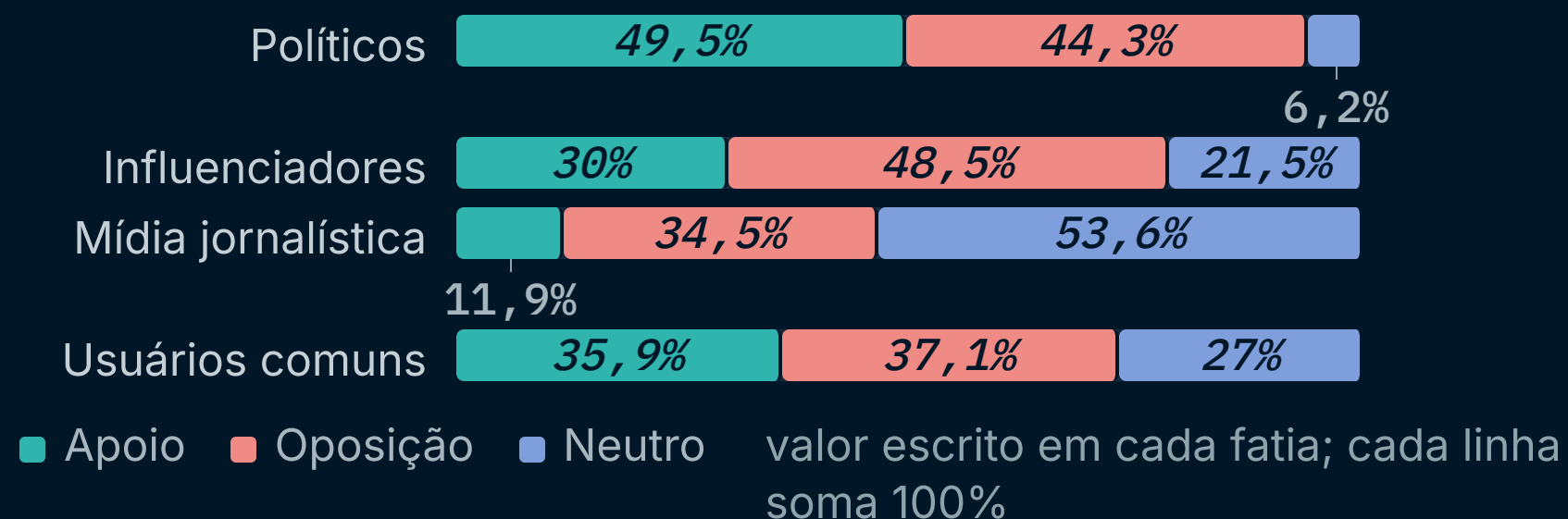
fatia do polo do vício (não merece) na fundação do mérito, em cada dia



Falar para fora do sistema político, em tom de proposta

Quem fala dele, por tipo de autor: apoio e oposição

perfis distintos (prevalência, não volume) · composição por tipo de autor



O QUE SE MEDE

Aqui não é engajamento, é gente: quantos perfis distintos de cada tipo o apoiam, se opõem ou só relatam. Mede a prevalência de cada posição em cada tipo de voz.

O QUE O GRÁFICO DIZ

Só entre políticos o apoio supera a oposição — e por pouco. Entre influenciadores e na imprensa, a oposição prevalece. E as doze publicações de apoio mais engajadas do histórico são, todas, de políticos que disputam cargo na chapa ou ao lado dela.

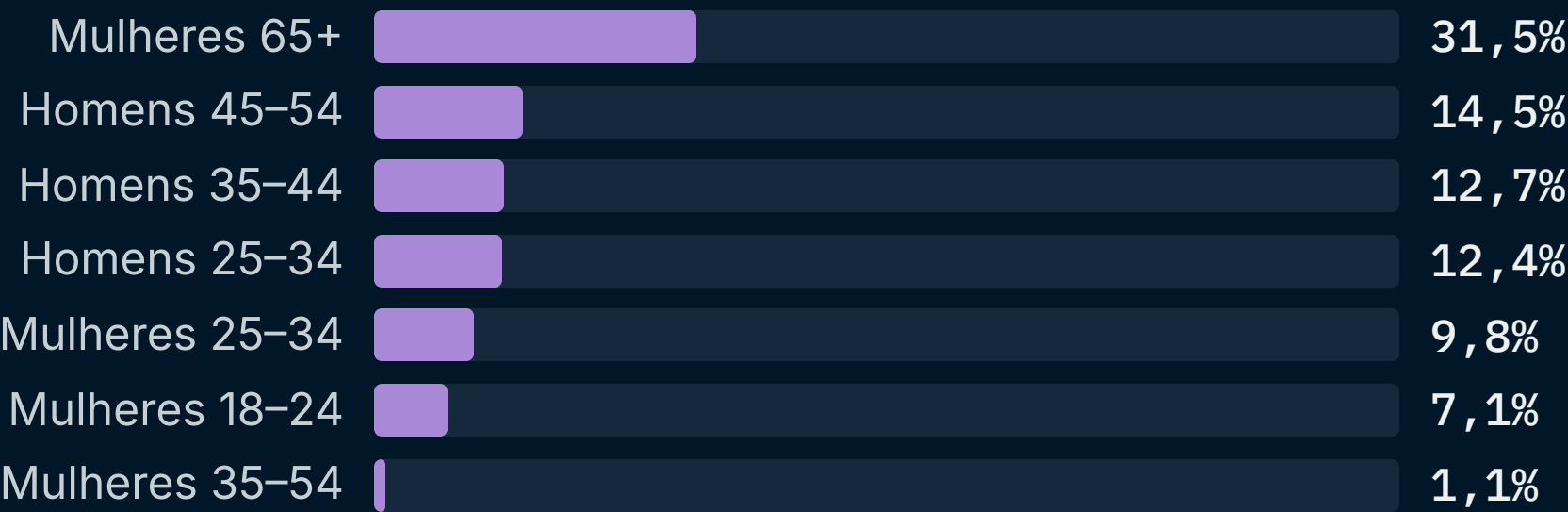
POR QUE IMPORTA

A defesa dele é de palanque, e palanque fala para quem já está embaixo dele. Quem alcança o público geral — influenciadores e imprensa — já pende à oposição. A defesa é de dentro do sistema; o ataque, de fora. Quem tiver de sustentar o senador terá plateia menor do que quem tiver de derrubá-lo — desde que o ataque saia da denúncia e chegue à pergunta da entrega e do cuidado, que é a única que quem ainda não decidiu quer ouvir.

Falar para fora do sistema político, em tom de proposta

Para quem chegam os anúncios pagos que o citam

fatia das peças por faixa de idade e sexo



O QUE SE MEDE

A quem a Meta entregou os anúncios políticos que mencionam Flávio (986 peças, quase todas pagas por candidatos a deputado e senador que o usam como cabeça de chapa; o comitê dele responde por 20).

O QUE O GRÁFICO DIZ

Um terço vai a mulheres de 65 anos ou mais; o resto se concentra em homens adultos. Mulheres de 35 a 54 recebem cerca de 1%.

POR QUE IMPORTA

A imagem paga dele chega a uma base envelhecida e consolidada, e nem é ele quem paga: é carona, não campanha. O público que decide uma eleição de qualidade de vida — mulheres de 25 a 54 e jovens — está fora do alcance dele, como uma cidade em que ele nunca desembarcou. É nessa cidade que a mensagem de cuidado deve chegar primeiro, com investimento próprio, antes que alguém lhe mostre o caminho.

Seis ataques que devolvem o tiro



Guerra cultural e "povo contra elite"

São os enquadramentos de briga de campo. É o único terreno em que a base dele responde: no dia em que dominam o debate, o apoio sobe a 42% e o orgulho e a esperança a 20% e 19%. Fora dele, o apoio fica em 3% a 23%. Dar a briga é dar o palanque.



O pai como eixo

Jair é retratado como vítima em 44% de tudo o que o cita. Atacar Flávio pelo pai transfere ao filho a perseguição, não a corrupção — e a perseguição é a defesa.



A instituição como algoz

Senado, PF e STF já são retratados como agressores em metade das citações. Cada menção ao inquérito reforça "se o juiz é parte, o réu é vítima".



Conspiração e "fake news"

42% dos rótulos informacionais já são suspeita conspiratória, quase toda de oposição. Ataque que soa a teoria confirma a perseguição para a base e não convence quem está fora.



Atacar Michelle

Tom 93,6% positivo, protetora em 79%: é o único ativo intacto do clã. Atacá-la é entregar-lhe a vitimização; contrastar ("ela cuida, ele cobra") é usá-la contra ele.



Só indignação

A indignação lidera o debate todos os dias e não gera esperança. Denúncia sem proposta reforça o clima que ele já aprendeu a habitar — e deixa vazio o afeto que decide a eleição.

— SEQUÊNCIA ordem de operação e medida de sucesso

Manter o teto, construir a queda

1



Mérito ligado à entrega

"Não merece porque não fez."
Sem processo, sem toga.
Mantém o teto.

2



Trabalho, bolso, cuidado

6×1, custo de vida, SUS:
proposta concreta em cada
peça, não só denúncia.

3



Herdeiro, não renovação

Legenda, irmão e sistema;
nunca o pai. Ele é a
continuidade.

4



Esperança com nome

Ocupar o bem comum e o
cuidado antes que Michelle
feche o flanco.

Manter o teto é trabalho de zelador: repetir a pergunta do mérito sem nunca lhe dar a toga. Construir a queda é trabalho de engenheiro: levar a disputa, tijolo a tijolo, para o terreno em que ele não construiu nada. E como saber se a obra avança? O painel mede o debate toda semana. Estes seis indicadores dizem se as chaves estão virando — cada um com o que mede, o valor de hoje e o sinal esperado.

— SEQUÊNCIA ordem de operação e medida de sucesso

Manter o teto, construir a queda

INDICADOR	O QUE MEDE	HOJE	SINAL DE QUE FUNCIONA
 Entrega no debate sobre ele	fatia dos textos que creditam ou cobram obra e resultado	2,7%	crescer: a entrega virou pauta, e ele não tem resposta
 Vítima, dia a dia	fatia em que ele é retratado como quem sofre o dano (modelo de papéis)	42–48%	cair abaixo de 40% enquanto agressor se mantém: a vitimização parou de rebater
 Cuidado x dano	o juízo moral sobre se ele cuida das pessoas ou causa dano	50 × 50	o dano crescer: o cuidado passou a ser cobrado dele
 Trabalho negativo	tom do debate quando o cita no tema jornada e direitos	71,6%	crescer em exposição total, não só em proporção
 Esperança no debate	fatia da emoção esperança fora de dias de ato	≤ 12,5%	subir do lado que o ataca: a oposição passou de indignação a proposta
 Apoio diário	fatia de quem o apoia na composição de cada dia	9–26%	não ultrapassar 30% fora de dias de mobilização

gráficos 1, 3, 4, 6, 35, 40 · canais: imprensa e influenciadores para o público amplo; parlamentares para o próprio eleitorado

— BASE o que a Orikom monitora e como classifica

De onde vêm estes números

Um retrato só vale o que vale a lente. A Orikom acompanha diariamente o debate público brasileiro em redes sociais, imprensa e anúncios políticos, e lê cada publicação com um conjunto de modelos de análise do discurso. Os números desta apresentação vêm do painel "Flávio Bolsonaro · raio-X de vulnerabilidade", com 42 gráficos, publicado na íntegra em ipse.global/publicacoes.

🔊 O QUE SE MONITORA

- 🔗 **Redes e plataformas:** Instagram, TikTok, X e YouTube. E a Meta Ads, que traz o que foi veiculado como anúncio no Instagram, no Facebook, no Threads, no Messenger, no WhatsApp e na rede de parceiros da Meta.
- 📰 **Imprensa:** os principais portais de notícias do país e tudo o que sai no Google News e no Bing — cerca de 900 veículos com cobertura recorrente na base, do g1 e da Folha à CNN Brasil, ao Metrôpoles, ao Valor, ao Brasil 247 e à Veja.
- 👤 **Quem:** todos os candidatos nacionais e estaduais de 2026 segundo a lista oficial do TSE — 14.910 candidatos a presidente, governador, senador e deputado, com 32,7 mil perfis declarados (Instagram, Facebook, TikTok, YouTube e X), que entram tanto na coleta quanto na classificação, junto de um cadastro de 20 mil nomes de candidatos e políticos com partido, cargo e estado, e de um cadastro de entidades construído a partir do Wikidata — 5,6 mil órgãos públicos, 5,6 mil lugares com código IBGE e 2,4 mil vozes digitais (influenciadores, jornalistas, artistas) com ocupação e redes —, que identifica quem publica e quem é citado em cada texto; os eleitos para presidente, governador, senador e deputado; os ministros nomeados; os perfis institucionais de órgãos públicos; influenciadores; e as mídias tradicionais e alternativas.
- 🔄 **Como:** coleta contínua, todos os dias, por perfil e por palavra-chave, com uma taxonomia de temas que se renova sozinha à medida que o debate muda.

— BASE o que a Orikom monitora e como classifica

De onde vêm estes números

EM NÚMEROS



14,9 mil

candidatos de 2026 da lista do TSE, com 32,7 mil perfis declarados nas redes, na coleta e na classificação; mais 4,4 mil perfis acompanhados diariamente em coleta dedicada (Instagram 1.635, TikTok 891, X 828, YouTube 679) e 531 coletas por palavra-chave



36,5 mil

entidades cadastradas para reconhecer quem publica e quem é citado: 20 mil candidatos e políticos (TSE), 2,9 mil pessoas, instituições e veículos do debate, e 13,6 mil vindas do Wikidata (órgãos públicos, lugares e vozes digitais)



7,3 mil

termos de coleta, em 58 temas e 283 subtemas; 1.467 ativos no ciclo do momento e 772 em reserva, com termos emergentes entrando a cada cinco horas



≈ 900

veículos e portais de imprensa com cobertura recorrente, mais o que Google News e Bing indexam a cada dia



19 · 44
· 16

19 modelos analíticos aplicados em 30 blocos de classificação, 44 dimensões de leitura e 16 métricas de exposição (engajamento, curtidas, visualizações, alcance, autores distintos, gasto e audiência de anúncios, escores CCFE)

— **BASE** o que a Orikom monitora e como classifica

De onde vêm estes números

☰ O QUE SE CLASSIFICA EM CADA PUBLICAÇÃO

Tema e subtema; tipo de autor (político, influenciador, mídia, órgão público, cidadão comum); entidades citadas (pessoas, instituições, veículos, lugares, marcas); sentimento e emoções; enquadramentos genéricos e específicos; posicionamento (apoio, oposição, relato); as sete fundações morais de Haidt com o polo acionado; valores de Schwartz; visões de mundo de Kahan; papéis atribuídos (MAPAM · IPSE); confiança, coragem, força e esperança atribuídas ao ator (CCFE · IPSE); valores republicanos; padrão de confiança institucional; polarização (tipo e grau); causalidades atribuídas; tipos de desinformação; tipos de engajamento político; exigência de prova; permeabilidade e vulnerabilidade democrática.

⚠ LIMITES

Os rótulos descrevem o que cada texto diz, não o que o eleitor pensa: é um retrato do debate público, não uma pesquisa de opinião. Os agregados cobrem todo o histórico da base e as séries diárias os últimos 7 dias (6 a 13/09/2026), em composição do dia. A premissa de que a eleição é de entrega material vem dos relatórios de grupos focais de alta frequência da IPSE Global; os dados do debate público mostram que esse é o terreno vazio do lado dele, o que a torna operável. A conversão em intenção de voto é hipótese a testar com pesquisa. Seis publicações mal classificadas como apoio e um perfil aliado lido como oposição saíram das listas. Documento de consultoria de brecha: aponta as brechas que os dados mostram e as mensagens que as exploram; não afirma fato que não esteja no debate.



IPSE Global · Orikom

A Orikom acompanha diariamente o debate público brasileiro sobre política, clima e democracia em redes sociais, portais de notícias e anúncios políticos, e o lê com um conjunto de frameworks de análise do discurso: sentimento, emoções, enquadramentos, fundações morais, valores, papéis actanciais, confiança institucional, polarização e vulnerabilidade democrática. O Laboratório cruza esses frameworks em painéis e relatórios como este, com apoio da Ori, a inteligência analítica da plataforma.

Documento produzido a partir do painel "Flávio Bolsonaro · raio-X de vulnerabilidade" da plataforma Orikom em 13/09/2026

Contato

🌐 ipse.global

✉ info@ipse.global

☎ +55 21 99514-3404